

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 11 de maio de 2011**

*Texto de referência: “Se alguém está em Cristo é uma criatura nova”,  
Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2011, introdução.*

- *Ballata dell'uomo vecchio*
- *Silenzio cantatore*

*Glória*

**Carrón:** Retomemos o nosso percurso. Começo lendo duas cartas que me foram enviadas. “Olhar para o eu-em-ação, para mim, agora, significa reconhecer uma profunda falta de memória. Da última vez, você disse: ‘você contam os fatos e, depois, acrescentam aquilo que querem’; você fotografou de modo extraordinário muitos dos meus últimos anos...”. Isto é decisivo para nos darmos conta do por que nós, apesar de tudo o que nos dizemos, não fazemos experiência. E não é que se, agora, contássemos os fatos sem julgar, seríamos menos ideológicos do que antes – ou seja, quando dávamos juízos sem os fatos. Trata-se de outra forma de ideologia, outro modo de fazer emergir a experiência que é inútil para a vida. Porque há duas posturas: ou fatos sem juízos ou juízos sem fatos. Vocês podem escolher... O que é comum às duas posturas? A falta de experiência. Por isto, digo que uma coisa é seguir Dom Giussani e outra é a intenção de segui-lo; este é um exemplo, falamos de “experiência”, mas sem dar a esta palavra o sentido e o significado verdadeiro. Veremos os resultados depois. “... Posso, porém, dizer que, se não tivesse levado a sério o trabalho da Escola de Comunidade e o trabalho de seguir você da forma como posso agora, às sete e meia da manhã, no meu escritório, acredito que não teria nem mesmo esse vislumbre de consciência. Vivo de parênteses e, agora, está claríssimo, diria carnal, o que você pretendia dizer por fratura entre saber e crer. Recentemente, vi-me diante da pergunta: mas, Cristo, o que tem que ver com as vendas, com os semicondutores [ou seja, com o trabalho]? E não sei responder para mim mesmo. Mas, enquanto que, antes, esta miséria reconhecida me bloqueava, agora, me impulsiona, faz-me ferver, sou feito de desejo e, quando escuto aquilo que você diz, ouço um amigo que me cutuca, que me chama a atenção e que me quer bem”. Dar-mo-nos conta disto nos faz entender por que Dom Giussani, como vimos no início dos Exercícios, disse que a única modalidade de fazer o caminho é não “fatos sem juízo” ou “juízo sem fatos”, mas uma experiência verdadeira. A consequência do não fazer um caminho é facilmente reconhecível, e canta como o “*silenzio cantatore*” [faz referência à canção ouvida no início do encontro – *silêncio cantor; ndt*]. Escutem este último testemunho: “Escrevo para lhe contar o que descobri sobre mim mesmo neste último período. Na Páscoa, recebemos um casal que não conhecíamos diretamente, que foi convidado graças a alguns amigos em comum. Sabíamos, porém, a sua história. Em setembro, perderam uma menina de doze anos, doente com um tumor. Durante o almoço, estes novos amigos nos contavam de sua dor com alguma marca de desespero, então alguém perguntou com interessante provocação: ‘Ainda é possível ser feliz depois de um drama assim, depois de uma dor assim?’. Alguns de nós tentaram responder a partir de experiências vistas e vividas, mas que não serviam muito. Num certo ponto, um amigo nos encorajou: ‘Vamos lá! Coragem! Respondamos!’. Criou-se entre nós um silêncio, para mim, muito longo, quase embaraçoso. Não me lembro de como o silêncio se rompeu, em seguida; lembro-me de que me levantei e, com a desculpa de ir dar uma olhada em algum dos filhos que brincava no jardim, saí da sala de jantar. Num primeiro momento, falando com alguém que estava no jardim comigo, encontrava todas as desculpas possíveis para justificar o meu comportamento: ‘Não podemos forçar tanto com eles, a coisa aconteceu há muito pouco tempo, a dor ainda está muito viva e qualquer coisa que se diga não será tão útil’. E dizia também: ‘O tempo ajudará, estou certa’. Mas, dentro de mim [não é que estamos brincando], eu não estava tranquila. E eu sentia uma tristeza cada vez mais pungente. No dia seguinte, tive a possibilidade de me confrontar com os amigos que estavam comigo no almoço, e descobri que aquele silêncio tinha sido

significativo não apenas para mim. Alguém disse: ‘Aquela incapacidade de responder à pergunta de ontem sobre a felicidade faz pensar’. Mas, a minha tristeza não estava ligada à incapacidade de resposta, mas a uma falta de certeza [o resultado do não seguir o caminho que Dom Giussani nos indica é que nunca se chega à certeza]. Se me tivessem dito ‘seu filho é um bobo’, eu não teria hesitado um instante para responder, não teria transcorrido nem um instante de incerteza, teria gritado e demonstrado que não era verdade. Naquele dia de Páscoa [naquele dia de Páscoa, não na sexta-feira, naquele dia de Páscoa!], não é que eu não soubesse responder à pergunta (conheço tantas frases bonitas e mesmo experiências que poderiam ser de ajuda, mesmo que eu não as tenha vivido em primeira pessoa), o meu silêncio nascia do fato de que eu não tenho tanta certeza de que Jesus pode tudo, que pode tornar a pessoa feliz mesmo depois de uma dor tão forte [e ela se dá conta disso não depois de um raciocínio, mas pela comparação entre como teria reagido diante da afirmação de que o filho é um bobo e como reagi diante da pergunta sobre a felicidade daquela mulher: se vê na ação, em como nos colocamos diante do real], senão, não teria desistido [observação muito aguda]; não desistiria e não me sentiria embaraçada. Essa minha tristeza, porém, está me fazendo companhia, porque antes eu me contentava e dizia: ‘Paciência! Aprenderei!’. Agora, me sinto como quando brigo com meu marido – que amo muito e sofro quando lhe digo coisas que não diria se não estivesse com raiva, e sinto um desejo fortíssimo de lhe pedir desculpas e ficar em paz com ele de novo. Vem-me em mente Pedro quando traiu Jesus, e Tomé que não acreditava que tivesse ressuscitado de verdade. E, no entanto, se tornaram criaturas novas, como você dizia nos Exercícios, não cederam porque Cristo ‘investia a vida deles’. Pergunto-me o que está me acontecendo. Por que percebo essa tristeza que não se contenta com satisfações baratas? Porque não me comporto sempre com Ele como me comporto com meu marido, como uma mulher apaixonada?”. Isto nos mostra a pertinência daquilo que Dom Giussani nos disse no mitológico episódio do filho de Manzù, que se a pessoa não fizer este percurso não conseguirá entender, porque nunca chegará a esta certeza. E isto “cantará” na primeira ocasião que tiver. Por isso, parece que Giussani nos complica a vida fazendo-nos seguir este caminho; na realidade, é o único que desafiou a nossa mentalidade, a nossa necessidade, que nos oferece um percurso para sair desta doença que carregamos por causa da situação cultural na qual vivemos, da incapacidade de chegarmos a uma certeza sobre as coisas. Por isso, insiste sempre que se trata de um problema de conhecimento. Nós continuamos a deslocar o problema para a moral, para a coerência, mas isto é nada em comparação com a falta de certeza que, depois, nos paralisa e arruína.

**Colocação:** *Da apresentação de O senso religioso até os Exercícios, devo dizer que nasceu um grande movimento que não me deixa mais tranquilo de jeito algum, que, pelo contrário, ousou dizer, me traz uma certa inquietação. Descubri, finalmente, depois de tantos anos de vida no Movimento, algumas coisas que eu pensava saber e que tentava aplicar com todas as forças.*

**Carrón:** Vocês veem? Para nós, o cristianismo é isto: algo que pensamos saber e, depois, aplicamos. Mas, em nenhum caso, partimos da experiência. Continue.

**Colocação:** *Conto dois ou três episódios que me aconteceram neste período, para explicar o que está acontecendo. Antes de qualquer coisa, o silêncio. Sempre respeitei o silêncio nos Exercícios, nos vários translados; porém, nunca como neste ano, experimentei que o silêncio não é um momento de vazio que eu deva preencher com pensamentos e reflexões, mesmo que nobres, justas, importantes; finalmente, me dei conta de que o silêncio é o momento no qual posso olhar para aquilo que está acontecendo. A segunda questão é que, nestes Exercícios, finalmente, me deixei provocar por aquilo que você dizia, ao invés de ficar pensando se estou de acordo com aquilo que você diz, mas, no fundo, no fundo, me toca até um certo ponto. De forma que, quando cheguei no hotel, no sábado, almocei com os amigos e, fortalecido por essa provocação, por essa inquietação que eu carregava, perguntei: “Como foi hoje?”. Silêncio um pouco incômodo. Depois, um amigo disse: “Bem”. Eu retornei à pergunta e disse: “Mas, o que quer dizer bem?”, porque evidentemente não me bastava mais falar de certa maneira daquilo que estava acontecendo na vida. Silêncio de novo. Depois, este amigo perguntou algumas coisas sobre as duas cartas que você havia lido pela manhã, e eu disse: “A carta que Carrón leu da amiga que escreveu ao amigo me*

*parece tão importante que eu me perguntei e pergunto a vocês: ‘Entre nós, somos amigos assim?’”. Silêncio...*

**Carrón:** Silêncio cantor!

**Colocação:** *Silêncio, rompido apenas por um fato banal que aconteceu à mesa: sujei um pouco minha camisa e, por alguns minutos, falamos sobre isto; silêncio outra vez e, em seguida, finalmente, retomamos a questão anterior. E, nesse ponto, começaram a chover hipóteses, interpretações, posições. Um disse: “Mas, as sua percepções poderiam não ser justas”; ou então...*

**Carrón:** Atenção, heim?!

*Ou então: “Entre nós, somos amigos, nos ajudamos, rezamos uns pelos outros, pelas nossas necessidades, pelos nossos familiares, vamos a Roma”...*

**Carrón:** O que mais precisa pedir?

**Colocação:** *Ou então, a última pergunta, ainda mais impressionante sob este ponto de vista: “Mas, talvez, haja algo mais?”. Essa questão me deixou triste, de um certo ponto de vista, e ainda menos tranquilo sobre aquilo que estava em jogo. Depois dos Exercícios, voltei para o escritório e tornei a falar com alguns colegas, durante a pausa sobre o problema da imigração de que se tem falado tanto, porque é dramático, importante, mas, no fundo, até então eu pensava: me diz respeito, mas até certo ponto apenas, porque é distante. Porém, ali me dei conta de que não conseguiria mais suportar discutir usando os mesmos termos da questão, e percebi que eu tinha a mesma necessidade que têm os imigrantes – e eles têm necessidades infinitas que eu não tenho porque estou bem, tenho uma casa, tenho o que comer, tenho um trabalho onde me estimam, enfim, substancialmente, tenho tudo. Destas três questões, que contei sinteticamente, emergiu uma necessidade imperiosa para a minha vida de ser arrancado do nada para o qual inevitavelmente me arrasto ou sou arrastado pela realidade, pelas questões que acontecem, pelas tensões que existem. Se não acontece algo de potente, que me arranca do nada...*

**Carrón:** “Mas, talvez, haja algo mais?”. Basta que se tome consciência da própria necessidade, e começa a se falar de forma diferente da vida, da imigração e de qualquer outra coisa. Não é um raciocínio: acontece que falamos das mesmas coisas com uma intensidade e com uma profundidade que, antes, nem sonhávamos! Exatamente sobre este tema, leio uma carta (porque muitas vezes há tanta confusão sobre o eu-em-ação): “Comecei a trabalhar sobre os Exercícios e me dei conta de que, há alguns meses, estou concentrado sobre estas perguntas: eu, de verdade, no fundo, me sinto constituído do quê? Do que espero, de fato, a satisfação? O que me faz respirar? Mas, de verdade, aos 53 anos, ainda espero ser feliz, satisfeito? Ou já me contentei? Até há pouco tempo, pensava que perceber o eu-em-ação quisesse dizer descobrir o que eu era capaz de colocar no real, tendo uma certa experiência da vida, do trabalho, da família, de CL”. Muitas vezes, o eu-em-ação é reduzido a isto: a um juízo moralista sobre aquilo que não conseguimos fazer. Mas, este não é um dos fatores constitutivos do eu, esta é toda uma outra questão: no quê sou capaz? É significativa a forma como a carta termina: “Pelo contrário, agora, penso: perceber o eu-em-ação significa admitir qual é o bem da minha vida no qual encontro satisfação”. Mas, ele pulou o ponto! Porque, antes de saber o que pode ser o bem da minha vida, a questão é saber o que sou eu! Ou seja: as coisas mais elementares são dadas como óbvias, pulamos continuamente essa parte. Quem me escreveu não é que não estivesse tentando fazer um trabalho, mas é como se não conseguisse sair daquilo que tem na cabeça para entrar na proposta que Giussani nos faz. É preciso esta comparação estreita com aquilo que Giussani disse, porque se relermos o quarto capítulo de *O senso religioso*, veremos que nos exemplos que ele faz nunca está em jogo a nossa capacidade! Mas, é como se já soubéssemos: ouvimos a frase, a interpretamos segundo os nossos pensamentos, e nunca emergem os aspectos constitutivos do eu. E isso faz com que – como disse Giussani – não vejamos a pertinência daquilo que a fé propõe com as exigências que descobri no meu eu. E podemos celebrar a Páscoa – como dizia antes a carta – e não surpreender a pertinência desta festa com as exigências do meu eu. E, depois, nos perguntamos se é possível ser feliz depois que uma menina de doze anos morre... Isso se relaciona ou não com a Ressurreição?! O fato de que estas coisas não se liguem umas às outras em nós, indica até que ponto a experiência daquilo que a fé nos propõe nos é estranha. Saber e crer não se encontram.

**Colocação:** *A semana da Páscoa, naturalmente, para nós padres, é muito cheia de compromissos, muito intensa, somada ao fato de que havia, logo depois, a semana dos Exercícios, e eu não pude ir a Roma porque precisava preparar uma iniciativa na minha paróquia. Passado o domingo de Roma – digamos assim –, na segunda-feira, como que diminuiu a tensão. E fiquei tocado: tinha acontecido a Páscoa, tinham acontecido os Exercícios, tinha acontecido a Beatificação de João Paulo II; e, pelo contrário, eu estava triste e melancólico. E fiquei tocado com o que pensei: estou melancólico, exatamente como Carrón nos disse nos Exercícios; e, pela primeira vez, de modo claro, não tive medo disso, ou seja, eu não me perguntei: o que preciso fazer? como sairei dessa? como combater a melancolia e recuperar-me? Não, eu disse: a melancolia quer dizer que eu Te conheço, quer dizer que eu preciso de Ti. E, pela primeira vez, ao invés de lutar contra essa melancolia, comecei a olhar para toda a semana, para aquilo que acontecia, partindo dessa melancolia, ou seja, esperando por Ele. O que me impressionou mais é não ter medo.*

**Carrón:** Aquilo que mais o impressionou é não ter medo.

**Colocação:** *No fim de um longo percurso de trabalho que me havia tomado muito, no dia 22 de março, houve uma dupla avaliação do meu trabalho que foi além de toda expectativa. Porém, eu tinha muito na memória aquela experiência, que você contava, da sua amiga de Barcelona que tinha obtido o sucesso na exposição dos seus quadros e, na medida em que o dia 22 de março se aproximava, eu era obrigado a fazer tudo muitíssimo bem no trabalho, era mesmo obrigado a fazer o famoso seven-eleven (ou seja, das sete da manhã às onze da noite). Nesse ponto, eu disse: é mesmo uma maldição, a vida é uma maldição, porque, se as coisas dão errado, é porque deveriam dar errado, portanto, sempre dão errado, e se dão certo é igual.*

**Carrón:** Qual é o critério de juízo que você usou para dizer que a vida é uma maldição?

**Colocação:** *Porque não havia nada que poderia me satisfazer; seja que as coisas dessem certo, seja que dessem errado, nada me teria preenchido, nada. Porém, não podia mandar tudo para os ares...*

**Carrón:** Por que elas não conseguiam satisfazer? Como você sabe disso? Porque você estava buscando preencher o seu desejo com aquilo que você fazia.

**Colocação:** *Sim.*

**Carrón:** Sim! Este é o pedágio que pagamos todas as vezes que, na vida, não entendemos do que somos feitos. Você diz que a vida é uma maldição exatamente porque você não é capaz de fazer algo, nem mesmo com o *seven-eleven*, para responder a toda a sua insatisfação! E podemos estar aqui por anos e não ter entendido isso; e isso não está ligado ao fato de que somos todos doentes ou pecadores, mas que não entendemos. Não entendemos do que se trata, porque se tivéssemos entendido do que se trata, não diríamos essas coisas! Pelo contrário, continuamos a dizer como todos, como todos, e podemos dizer toda a lógica de *O senso religioso*, mas não entendemos nada, e se vê isso a cada vez que falamos. Quando digo que falta o sentido do Mistério, estou dizendo isso, porque se você tivesse entendido qual é a natureza do seu eu, nunca teria pensado que aquilo que você fazia no *seven-eleven* teria podido responder ao seu desejo de satisfação, e, dessa forma, não teria perdido tempo. Você não tenta subir essa parede com as mãos limpas, não consegue, são coisas irracionais, não as fazemos; se continuamos tentando fazê-las não é porque somos burros, mas é porque não conhecemos aquilo sobre o que falamos. E se não se introduz um novo conhecimento, aquele único, real, continuaremos a dizer, apesar dos anos de Movimento e de vida cristã, que a vida é uma maldição, e nunca choverá sobre nossas cabeças, não existirá nunca alguém capaz de nos convencer do contrário, porque o problema está na origem. Consigo me explicar?

**Colocação:** *Segundo episódio. No dia 23 de março, vim à Escola de Comunidade e, digamos, o coração estava firme, convicto, e você continuava a dizer: “Ok! Há uma Presença que nos acompanha, mas o que nos impede de parar?”. No dia 6 de abril, você foi ainda mais a fundo: “E você? E você?”, e eu, Carrón, comecei a chorar como um louco. Por quê? Porque, enquanto voltava para casa, me surpreendi dizendo: o meu coração, antes, não batia, agora bate. E dizia ainda melhor do que Luzi – porém, porque eu seguia você... –: Mas, esta presença, é presença de*

*quê? Mas, não acabou porque, visto que você continuava a dizer “não sigam em frente, não sigam em frente”, eu não queria dizer “Jesus”, porém me...*

**Carrón:** Não é Jesus aquilo que falta.

**Colocação:** Não queria dizer isso!

**Carrón:** Que bom.

**Colocação:** Por que não queria dizer isso? Porque tinha que ser Ele a Se apresentar, e Ele se apresentou... Eu entendi isso depois.

**Carrón:** Estava diante de você. Não o via. Se Jesus não existisse e não acontecesse em nós, não poderíamos dizer essas coisas. Aquilo que diz o Cartaz de Páscoa é verdadeiro: Cristo é algo que está acontecendo agora, entendem? Não a imagem que você tem na cabeça de como deve aparecer, porque se o seu coração não batia e depois começou a bater, quem o fazia bater, eu? Mas, somos doidos?! Como disse o Evangelho: somos estultos porque não entendemos aquilo que acontece diante dos nossos olhos! Palavras e imagens, nunca uma experiência! Exceto quando, por acaso, dizemos algo da experiência: “O coração, antes, não batia e, depois, batia” é a única coisa da experiência que dizemos; mas, tão logo o dizemos, começamos imediatamente a juntar aquilo que temos na cabeça, tudo fora da unidade da experiência que nos fez bater o coração. Por isso, para tantos, o cristianismo é algo que já sabemos e que, agora, devemos aplicar. Não, você não aplicou nada para fazer bater o coração, se surpreendeu com o fato de que batia, sentindo-o bater! Então?

**Colocação:** Então, nos Exercícios, ri e chorei. Ri quando você disse que a liturgia, para nós, ainda não é abrir os olhos e reconhecê-Lo. Nos dois domingos antes da Páscoa, as leituras apresentavam os episódios do cego de nascença e da samaritana. O cego de nascença que Lhe disse: “Mas, Tu, diz-me quem é o Messias”, e Ele: “Sou Eu que falo contigo”. O mesmo com a samaritana: “Diz-me onde encontro essa água”, “Sou Eu que falo contigo”. E nunca me aconteceu me comover numa Missa. Depois, vem sempre a tentação do moralismo, mas, dessa vez, eu a venci. Então, quero dizer-lhe obrigado, porque eu não sei nada sobre mim, mas agora eu me tenho, tenho a mim.

**Carrón:** Partamos do “eu” que você tem. Giussani nos diz: partamos do “eu”, partamos do eu-em-ação; deixá-lo emergir, surpreendendo-se do que você é.

**Colocação:** Isso machuca.

**Carrón:** Não machuca! Escute o que diz esta carta: “As duas últimas semanas foram lacerantes, cortantes e lancinantes. Fui devastada pela desilusão. Talvez, eu esteja dizendo algo terrível, mas você me ensinou a ser leal, por isso, o serei. O dia do meu primeiro encontro com você, daquele olhar e do meu despertar, está se distanciando e eu, sempre mais, me dou conta de que não posso viver apenas de uma recordação. Eu tinha colocado as minhas esperanças em você, mas você não me dá respostas e, frequentemente, por problemas de ambos, é difícil que nos falemos ou nos vejamos. Um dia, me dei conta de que quanto mais pensava em você, tanto mais ficava com raiva, porque nem mesmo você bastava mais. Pensei que fosse outra enganação, e que, depois do entusiasmo de um período, tudo voltaria a ser como antes. De novo, confusa, insegura, incerta, sem um apoio. Se você me tivesse visto! Sentia-me como se procurasse algo num quarto escuro, como se andasse tateando, como quando não tem luz e não se vê e não se sabe o que é aquilo que se está tocando, de forma que todo móvel, toda beirada é um perigo. Havia raros e breves momentos de alegria: duas risadas com amigos, o aperitivo, um cumprimento que uma pessoa cara lhe faz, e assim por diante. Enfim, a minha vida, nessas duas semanas, foi como uma luz intermitente: alegria que vai, tristeza que vem; satisfeita por um momento, e depois de dois minutos amargurada; atenta por um segundo, e depois perdida em mil pensamentos; convencida, e depois desiludida. Uma sequência de estados de ânimo contrastantes e contraditórios, até que, num certo ponto, me cansei daquilo que eu sentia. Surrada por todos os lados por esses sentimentos, jogada com violência de um lado para outro, vagando sem meta, impotente, escrava dos meus pensamentos, prisioneira de mim mesma, porque eu tenho uma ideia de mim, tenho uma imagem das minhas necessidades ou das respostas que me quero dar que são totalmente distorcidas. As minhas inúmeras tentativas de me conceber e de me satisfazer continuam apenas a me enganar, a me estrangular, a me reprimir, a me sufocar, sou eu que faço violência contra mim mesma. Eu, sozinha, não me basto, não basto para o meu desejo e nem mesmo consigo explicá-lo para mim. Como dizia Emily Dickinson: ‘Para

preencher um vazio debes inserir aquilo que o causou, se o preencheres com outra coisa, escancararás ainda mais a goela; não se fecha um abismo com o ar'. De fato, quanto mais eu tentava me explicar, tanto mais caía outra vez na confusão. Há três dias, me levantei e me surpreendi com essa pergunta: mas, em todo este caos, há algo, ainda que somente uma coisa, que permaneça, qualquer que seja? Há algo que eu possa dizer sobre mim mesma com certeza, que permaneça como um sinal indelével? O meu cérebro começou a elaborar um milhão de coisas, a maior parte sem sentido e as restantes absolutamente insuficientes. Então, me lembrei da promessa que lhe fiz: nunca mais direi algo sem, antes, ter-me olhado em ação. Observei-me durante todo o dia tentando entender o que me movia, por que fazia tudo: o almoço com aquela amiga, o estudo realizado de certa maneira... Em todas as minhas ações havia um denominador comum: uma constante busca de algo que preenchesse a minha nostalgia. Sobre mim, sobre a vida, tenho apenas uma certeza: que o meu coração é cheio de nostalgia, é cheio de espera, de tensão, é cheio da promessa de que a vida não é vazia, que busco algo que existe, de outra forma pararia de buscar. O meu coração busca, portanto afirma com certeza constante um Outro. De repente, sem nenhum cálculo, sem nenhuma fórmula e nenhum raciocínio, de novo voltou aquele Tu. Irrompendo, me devastou, me investiu, me envolveu, abraçou. Éramos eu e este Tu, e basta. E voltei a respirar. Um relacionamento assim íntimo e terno a ponto de deixar sem palavras. Que clareza! Um lampejo no escuro. Posso falhar, cair, errar, dar mil passos para trás depois de ter dado apenas um para frente, posso permanecer desiludida, tratar mal as pessoas que quero bem, posso me dar conta da minha nulidade, do como posso ir para o fundo do poço, posso finalmente olhar para mim mesma até o fim, olhar o quanto sou mesquinha, pouca, ínfima, porque tanto não é isso que rege a minha vida, não é isso que me determina, não é a minha confusão, a minha amargura ou a minha tristeza. Há somente uma coisa que permanece, de onde posso recomeçar a cada vez e é este Tu que eu, inconsciente ou conscientemente, a cada vez, a cada dia, em cada gesto, desejo e afirmo. Este é um retrato meu, isto eu posso dizer de mim mesma com certeza [e se não fizermos esse percurso, nunca o poderemos dizer com certeza], simplesmente olhando para mim. Não aprendi, não o aprendi, não o decidi, não o quis, mas o vejo com clareza, se impõe [este é o ponto de não retorno!]: o meu senso religioso, a certeza de um Outro e do relacionamento privilegiado que posso viver com Ele. Não sei bem Quem é, que rosto tem, mas está ali, olhando para mim e me chamando. Pela primeira vez na minha vida, consigo querer bem. A minha dor, a espera, a inquietude: consigo querer bem àquela parte de mim mesma que sempre me fez sofrer; entendo que a minha nostalgia e a minha vertigem são o veículo deste relacionamento, fico sempre com a respiração suspensa até chegar a dizer 'Tu', só então respiro. Queria dizer isso para você, porque agora a minha vida tem raízes". Alguns dias depois, a mesma pessoa me mandou esta mensagem: "Quero lhe agradecer porque você deixou que eu desse cada passo sozinha, e deixou que emergisse toda a minha consciência, sem medo da dor que eu teria que enfrentar. Obrigada porque você me educa, me introduz à profundidade das coisas e à beleza da vida. Espero poder ter sempre um amigo como você por perto, que me faça ser eu mesma até o fundo". É possível ou não? É possível se se leva minimamente a sério a hipótese que nos é oferecida; ela não sabe algo a mais do que aquilo que todos nós sabemos, mas seguiu e verificou. E esse é um ponto de não retorno. Cada um de nós pode decidir.

#### AVISO:

A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira, dia 25 de maio, às 21h30. Começaremos a retomar a primeira palestra dos Exercícios da Fraternidade.